

Inglês de Sousa

1853 - 1918



O real na vertente da ficção

Amarílis Tupiassú

Doutora em Letras. Professora da Universidade da Amazônia- UNAMA.

Examino muito do que se tem escrito sobre o ficcionista paraense Inglês de Sousa. Não é muito. Os estudiosos da Literatura Brasileira têm-lhe dedicado poucas palavras, não obstante ele ter escrito o ótimo "O Coronel Sangrado", um livro esquecido mesmo no Pará. Herculano Marcos Inglês de Sousa, pouquíssimo lido também aqui no Pará, insisto, nunca teve sua obra compreendida pela crítica literária. José Veríssimo, no ensaio "Um romance da vida amazônica", (In: **Estudos de literatura brasileira**, 3a.série, São Paulo, Itatiaia, 1977) dedica ao romance **O Missionário** rápidas páginas de análise em que tece louvores à qualidade do livro ("Não creio que o naturalismo tenha produzido no Brasil obra superior a esta"). E segue tecendo louvações sem, no entanto, deixar de apontar os "excessos e minúcias de descrição e narrações, ampliações de episódios, prolixidade, senão difusão do texto". Assim como José Veríssimo, um outro crítico, Araripe Júnior, no **Prólogo a O Missionário**, de Inglês de Sousa (In: **Obra crítica de Araripe Júnior**. Rio, MEC/ Casa de Rui Barbosa, 1960, vol. I -1888-1894) lança um olhar investigador sobre "**O Missionário**", mas um olhar passageiro a partir do qual conclui: "é um livro que entontece, embriaga e farta como uma bebida forte do Amazonas. Em suas páginas encontra-se a vida que pode existir em uma obra copiada do natural". Neste ensaio, apesar dos elogios ao escritor paraense, Araripe afirma que "imerso na natureza amazônica, o escritor há de converter-se num paisagista de mão cheia".

Apanho ao acaso algumas outras histórias da literatura brasileira. Consulto a monumental **História da literatura brasileira** escrita pelo marxista Nelson Werneck Sodré (Rio, Civilização Brasileira, 1964) de que transcrevo este trecho:

Antes mesmo que o meio literário conhecesse o naturalismo de Aluísio Azevedo, lançara-o Inglês de Sousa. Não encontrara, porém, a repercussão que cobriria a precedência com a sanção que a torna objetiva. E nem mesmo depois que os romances de Aluísio conquistaram a atenção geral teve Inglês de Sousa a sorte de ver os seus livros divulgados e conhecidos. O que foi, sem dúvida, uma injustiça do tempo. Nesse autor comprova-se, e até se grava melhor, o traço comum do naturalismo brasileiro. Em primeiro lugar, **em alguns cacótes, o anticlericalismo**, a tese da hereditariedade; depois, nas características fundamentais, a presença do romantismo, a preponderância - nesse caso bastante acentuada - do quadro de costumes. O paraense **foi mais um narrador regional do que um naturalista, e o cenário amazônico, mais humano do que físico**, [grifos meus] que é uma singularidade, foi o fundo de sua ficção. Algumas das personagens de Inglês de Sousa têm um realce singular, e polarizam as condições do ambiente.

Tomo depois Afrânio Coutinho em sua também grandiosa **A literatura no Brasil** (Era realista / Era de transição, vol IV, S.Paulo, Global, 1997). E que leio?

O romance naturalista no Brasil tem, para as suas origens, nas histórias de nossa literatura, duas datas: 1877 e 1881, as quais correspondem, respectivamente, à publicação de *O Coronel Sangrado*, de Luís Dolzani (pseudônimo de Inglês de Sousa), e de *O mulato*, de Aluísio de Azevedo. Não obstante a circunstância de ter vindo a lume quatro anos depois de *O Coronel Sangrado*, foi o romance de Aluísio Azevedo que verdadeiramente assinalou, em nossas letras, a presença da nova escola literária com o rumor e debate que então provocou, de Norte a Sul do país. [...]. Cronologicamente, portanto, Inglês de Sousa e Celso Magalhães arrebata a Aluísio Azevedo o mérito da implantação do Naturalismo no Brasil. Temos de reconhecer, no entanto, que essa precedência é acontecimento obscuro, **sombreado ainda mais pela mediocridade de ambas as manifestações artísticas.** p.69 [grifos meus]

Como se vê, os comentários são vagos, desprovidos de qualquer sustentação ou comprovação, sem fundamento no texto artístico. São opiniões apenas, que não conduzem à discussão dos princípios sobre que se alicerça a palavra poética. É lamentável que se tome como critério literário de avaliação literária "rumor e debate" e que se lance sobre uma produção estética o conceito mediocridade, sem que indique a maneira de aferir mediocridade.

Recorro também à **Crítica Vária** - Sobre literatura brasileira - textos publicados entre 1944 e 1947, de Lúcia Miguel Pereira (In: **Escritos da maturidade.** Rio, Graphia Editorial, 1994). E observo que esta estudiosa, antes de difundir juízos e avaliações apressadas, veicula tábulas de valoração centradas no texto de Inglês de Sousa, na leitura exaustiva, sobretudo de **O Missionário.** E Lúcia Miguel impõe toques de reprimendas à crítica apressada, na indiferença que se avolumou desde o final do século XIX à volta da produção artística de Inglês de Sousa. Dirige-se com ênfase a Olívio Montenegro, autor do estudo **Romance Brasileiro** e lamenta que esse crítico, além de se ter esquecido da **História de um pescador**, mencione **Cacaeiro** por **O Cacaalista** e **Coronel Salgado** por **O Coronel Sangrado.** Lúcia Miguel segue tecendo observações sobre a pouca repercussão de **O Missionário**, além reafirmar a qualidade estética do **O cacaalista** e principalmente de **O Coronel Sangrado**, este romance o seu preferido, dentre os quatro elaborados pelo escritor de Óbidos, um livro que, segundo a crítica, sobretudo ele, deveria "figurar na primeira linha das obras de ficção de sua época, e em boa colocação na nossa literatura de todos os tempos".

Sérgio Buarque de Holanda é outro luminar que em **O espírito e a Letra** - estudos de crítica literária: 1920-1947, editado em São Paulo, Companhia das Letras, 1996, lança-se contra a reiterada indiferença sobre Inglês de Sousa, em favor, por exemplo, de Raul Pompéia (**O Ateneu**) e Júlio Ribeiro (**A carne**).

A diferença de tratamento é tanto mais injusta quando o descaso pela obra do escritor paraense não provém de seus defeitos reais, ou provém menos desses defeitos do que da liberdade que o autor pôde manter freqüentemente em face de certos preconceitos de moda e escola.

[...]

[Seus livros] denotam um poder de observação e criação de que não existem muitos exemplos em nossa literatura. Ao menos no romance naturalista, se houve talvez, entre nós, quem o pudesse igualar por esse aspecto, não vejo realmente quem lhe fosse superior.

Como explicar o pouco caso sobre a criação de Inglês de Sousa? Como justificar esse muro de descaso viçando em torno do escritor paraense? Lúcia Miguel Pereira aventa uma certa indiferença ou desinteresse provindo do próprio autor depois da obra pronta. Talvez, quem sabe, e isso se pode deduzir da poligrafia de Inglês de Sousa, de sua irrequietação intelectual. O escritor, ao terminar um livro, embrenhava-se à aventura de outro, esquecendo, ou soltando, in natura, ao mundo do leitor, a cria gerada. Lúcia Miguel Pereira lança mão de depoimentos de Paulo Inglês de Sousa, filho do escritor, que afirmavam a reserva ou a humildade do pai com respeito à sua obra artística, ele que terminou enveredando definitivamente pelas trilhas da ciência do Direito e pela política. O certo é que Inglês de Sousa só demonstrou interesse pela reedição de **O Missionário**. Os três livros anteriores, que integram o conjunto **Cenas da vida no Amazonas**, quando foram editados, o foram sob o pseudônimo Luís Dolzani, fato que já soa talvez como avaliação negativa. Do contrário, por que o esconderijo do pseudônimo? Os livros precedentes a 1891, na visão do cioso estudante, poderiam ensombrecer a produção teórica de quem a si votava um futuro de grande relevância no Direito e na política? O que se sabe é que o político e o jurista e o escritor naturalista de enorme projeção nacional não reeditou a obra elaborada ante de **O Missionário**.

Passados oitenta e dois anos da morte de Inglês de Sousa, o que se conclui, ao exame da crítica, de uma crítica severa e abalizada, é o desconhecimento com respeito à obra inteira do autor dos **Contos amazônicos**. Quando se estuda (ou se menciona) a literatura do escritor de Óbidos, o romance que vem à tona é só **O Missionário**. E, ao aflorar desse romance, sobrevém, instantânea, a discussão sobre a anterioridade da recepção dos maneirismos da estética naturalista no Brasil. Ou seja, obscurecem-se as qualificações do texto, a literariedade, o engendramento discursivo, as relações que o texto agencia entre tempo, história, esquece-se de Inglês de Sousa, menospreza-se o romancista, muitas vezes sem a leitura de seus livros, enquanto o cerne da questão transfere-se para uma referência cara não à teoria literária, mas a história literária. Mesmo entre os paraenses, irreleva-se a qualidade do texto inglesiano. Quando lembrado, o escritor é-o pelo livro **O Missionário**, compreendido, via de regra, como obra menor. Sobre os títulos anteriores a 1891, ano de **O Missionário**, paira uma quase total e definitiva mudez.

Como se tem tratado mais do livro de 1891, desejo concentrar algumas palavras em torno dos três romances que formam **Cenas da vida no Amazonas**, apesar de tecer comentários gerais, dada a rapidez de um encontro como o que agora nos reúne aqui.

Ressalto de imediato uma linha unificadora atando num feixe maior **História de um Pescador, O cacaulista e O Coronel Sangrado**. Incluo ainda nesse só *corpus* literário os **Contos Amazônicos**, uma vez que as locações amazônicas (Óbidos, Alenquer, Faro, Santarém), os motivos, os elementos em primeira e segunda plana, os personagens, enfim, desse conjunto, migram incessantemente de um livro, de um conto para o outro, estes personagens com as suas faces, as suas dores, os seus risos, seus portes e contexturas maiores e menores. É preciso lembrar que encadear os livros em série, pôr os personagens a transitar de uma narrativa para outra, já constitui um primeiro elemento a situar Inglês de Sousa nos arraiais naturalistas, num modo de organizar os romances à Zola.

Tudo se dá, depois, como se se pusesse a tecer diante do leitor uma tapeçaria, viva e fremente. Inglês de Sousa não nos oferece em seus livros uma tapeçaria de que já se arrematou o último ponto, o nó final, mas uma peça em contínua fatura, governada por uma consciência atentíssima até

às mais sutis inflexões de um mundo onde se opõem os homens, uns aferrados ao poder mais desmedido, mais arrogante e voluntarioso, em confronto com outros homens, estes assinalando a criatura humana reduzida a um quase inexprimível nada, um homem desumanizado, a apenas existir como um elemento a mais dentro da natureza, o humano destituído de tudo e que se movimenta no seio das matas e das águas amazônicas graças só à natureza. Chamo a atenção para a anterioridade de uma escritura realista-naturalista nesse livro ainda não desvencilhado de todo das fórmulas românticas.

História de um pescador é exímio exemplo dessa polarização, dir-se-ia, entre o tudo e o nada. O homem que se arroga o tudo frente ao homem lançado ao nada. De um lado a imponência da fazenda "Jacaretuba"; de outro lado, o sítio sem nome, encravado em uma margem do Igarapé do Alenquer. A partir destas locações, armam-se as oposições do romance a saber:

SENHOR-CAPITÃO X DEVEDOR-PESCADOR
FABRÍCIO AURÉLIO X JOSÉ MARQUES
BRANCO X TAPUIO
PROPRIETÁRIO X DESTITUÍDO, DESTERRADO
FAZENDA X SÍTIO
TELHA X PALHA
RECRUTADOR X RECRUTADO - VOLUNTÁRIO
LIBERAIS/CONSERVADORES X VOTANTE DOS VIVEIROS
CACAULISTAS/POLÍTICOS X PESCADORES, PEQUENOS MANDATÁRIOS
OFICIAIS X PROPRIETÁRIOS PROVISÓRIOS DE SÍTIOS.

Nesse cenário cortado por águas em diversas e múltiplas ocorrências se corporificam, ganham carnadura os agentes e pacientes dos embates que operacionalizam as tramas narracionais. Na **História de um pescador**, romance de 1877, ano também de **O Cacauleta**. Nos dois, comanda a cena das palavras, um narrador insubmisso, quase rebelado mantido a duras penas nos bastidores, ávido por interferir com intrusões flagrantes, com comentários, explicações e adendos, sempre inquieto esse narrador por assumir a dianteira do relato para deixar bem nítido o contorno da História.

Aqui cabe um adendo sobre o título escolhido para esta minha participação: **O REAL NA VERTENTE DA FICÇÃO**. É sempre grande a tentação de ler um romance, de ler a ficção como um sucedâneo imediato, colado, aderido, como uma forma, uma substância, à vida vivida. Tal como se dá com a reflexão de algo em uma face espelhada, que nunca é uma reflexão fiel, exata, levando-se em conta os contornos todos, todas as perspectivas exatas, internas, externas do real. Sempre haverá para um sujeito contemplador a face obscura do ser, do objeto contemplado. Há espelhos e espelhos. Espelho de mais fiel ou o distorcido reflexo no aço. Além disso, o olho de cada um quase nunca incide num mesmo ponto. Normalmente não incide. Ou incide em aspectos vários. Os pontos de vista são vários e pessoais. Inglês de Sousa passeia, cruza, todo o tempo, por todos os quadrantes visíveis e invisíveis de seus textos. Mas o escritor, apesar de fazer sentir-se a sua presença nas tramas que desenrola, não quis escrever uma autobiografia. Sua opção foi por construir narrativas diversas, alguma coisa além de sua própria vida. É preciso deixar claro que o romancista não traçou sua escrita a serviço de si mesmo. Não, ele ofereceu, expôs elementos,

DO MESMO AUTOR

O MISSIONARIO

(ROMANCE)

A VENDA NA LIVRARIA LAENHART
RIO DE JANEIRO

Preço 4\$000



H. INOLEZ DE SOUZA

Contos Amazonicos

Valentão - A Feticheira
- Amor de Maria - Asaquin - O Missionario
do capitão Silvestre - O Gato de
Valha - me Deus -
O baile de Judou - A quadrilha de Jacoz
Batista - O Refeido.

RIO DE JANEIRO
Laenhart & C. - Editores
1911

doou pedaços de si, de sua existência, da vida de seus antepassados, dos homens que animaram o tempo de sua vivência amazônica à elaboração de uma obra que, excedendo a representação de uma só vida, situa-se frente ao leitor como um quadro das relações sociais, políticas, econômicas, culturais entre os viventes das entranhas das florestas e das águas do rio Amazonas. Mesmo quando se estabelece um pacto mais afeito ao real vivido - matéria do autobiografismo e das memórias, dos diários, da epistolografia e da História - sempre existirá um escrevente que interpreta os dados, os seres, as ocorrências reais e transforma-os quando do ato de escrever, esta a ação de um escritor que sempre releva ou despreza dados, sempre os modifica, porque não fugirá ao jogo da palavra cujo cerne é edificar outro espaço que não a espacialidade geograficamente, objetivamente localizada e datada. Sempre o texto será um lugar do verbal. Sempre a literatura instaura outra instância assentada no real, é certo, mas fundada em flexão com as forças do imaginário.

Inglês de Sousa não abandona sua palavra ao desamparo. Ele ampara o leitor; de maneira clara ou velada, passeia por seu texto. Um passeio fecundante, não há dúvida, de um narrador que toma a si muitos encargos, como o de pôr o foco aonde achar por bem aclarar, e de tomar partido, de julgar, de comentar, de retirar os véus lançados sobre a aparência; de conduzir o leitor. Às vezes, o narrador se ausenta, libera o palco todo da narrativa aos personagens; outras vezes, fica por perto da cena onde se esbatem os brancos, os latifundiários, estes desequilibrando ainda mais a situação de penúria do dito tapuio que acaba por ser investido de sentido pejorativo, sendo assinalado pelo mais afortunado como ser desqualificado e relegado à condição de apenas manter-se vivo entre as adversidades de existir num meio geográfico já por si esmagador.

Nas pegadas desse narrador se fixam as pontes para as travessias entre os livros e a História dentro da qual estão imersos os personagens. Essa é uma ocorrência em toda a obra de Inglês de Sousa. Toda ela, incluídas as nove composições dos **Contos Amazônicos**, faz apelo aos trâmites de uma história bem concreta e visível. Toda ela, com incidência mais fraca em **O Missionário**, organiza, em primeiro e em um plano lateral, as relações de classe, a submissão ou a impotência do pobre, do tapuio aos desmandos dos poderosos. Nesse embate os capitães são capazes de arbitrar sobre o aniquilamento total de uma família, de decidir sobre a vida, em sentido mais absoluto, sobre a terra, sobre os bens, sobre o amor. **A história de um pescador** ilustra bem isso. Ilustra o poder da ideologia do poderoso, uma ideologia que chega a ser absorvida pelo pobre coitado das brenhas, pela moça "matuta" que se recusa a casar com um "matuto" por só admiti-lo nas esferas dos inferiores. Pelas páginas dos três primeiros romances se cumprem suas destinações criaturas despojadas de uma identidade cultural. Que carregam um substrato indígena dada a força das tradições ancestrais quanto a sobreviver num meio hostil. Não são mais pessoas emancipadas, livres, impulsionadas por seu livre arbítrio; são apenas viventes escravizados a um capitão Fabrício ou a um tenente Ribeiro.

Inglês de Sousa focaliza com sutileza, mas com muita acuidade as contradições que respondem pela tensão da trama que sempre impele o pobre para fora do jogo. Ou o quase pobre. Ou aquele em processo de desapossamento. Na **História de um Pescador** o aniquilado, literalmente aniquilado, é alguém igual assim como um pescador. Um marginalizado, um ser à parte de tudo, que faz o que der para sobreviver. Um certo José Marques. Em **O Cacaulista** e **O Coronel Sangrado**, a personagem central Miguel Faria, herdeiro de alguma posse, é a representação, tipifica o pequeno proprietário que se esbate e perde terreno na disputa com um "mulato"

embranquecido pelo dinheiro e que se embranquece mais ao casar a herdeira com um jovem pobre mas "um branco legítimo". Nesses dois livros, apesar de comandarem a sucessividade do narrado alguns princípios caros à estética naturalista como a determinação do meio na conformação do indivíduo, como o poder da hereditariedade e do fatalismo na seleção da espécie em favor do mais forte, são as disposições românticas que se espalham no entrecho principalmente e nos recortes das personagens principais. Na **História de um pescador** e em **O cacaulista** e, com menor ênfase em **O Coronel Sangrado**, é comum as personagens se abaterem emocionalmente, entregues à profunda melancolia, o que deixa antever notas românticas.

Mas, quanto a caudatário das estéticas vigentes no final do século XIX, se poderia afirmar que Inglês de Sousa se houve sempre uma grande liberdade. Só em **O Missionário** se flagra com mais nitidez, com marca mais corpórea uma identificação com o cientificismo, com a racionalidade requerida pelo naturalismo. Mesmo o anticlericalismo é atenuado por Inglês de Sousa que, em **O Missionário**, não cria um padre repugnante e asqueroso, repulsivo e cruel, que se entretém com os famosos "amores bestiais", comuns ao Naturalismo.

No mais, em que consiste a linha de força da obra de Inglês de Sousa, a ponto de nos reunir aqui, 82 anos depois de sua morte? Sem dúvida, a excelência de seu discurso, a acuidade, a perspicácia com que dotou o olhar lançado sobre o belo-feio mundo amazônico. Além disso, deve-se a permanência de seu texto, ao modo como denunciou os malefícios sociais e culturais impostos pelos poderosos aos pobres. Ao ler **O Coronel Sangrado** e "assistir" às mutretagens eleitorais, ao engalfinhamento dos partidos conservador e liberal, é impossível não escutar os ressonos que interligam o tempo passado a este hoje de partidos de direita e de esquerda muitas vezes vibrando palavras gastas. Por tudo isso, como não louvar o artista de Óbidos morto há 82 anos e tão presente neste 2002? Ainda que se ateste o não burilamento da **História de um Pescador**, é impossível não destacar as belas páginas desse livro. Não fazê-lo é injusto fruto da não leitura. Como pregar o rótulo de mediocridade sobre **O Coronel Sangrado**, um retrato vivo de uma Óbidos finissecular que se espelha em qualquer cidade habitada por seres humanos que disputam espaços e poder, entre futricas e doses generosas de hipocrisia? Como não reconhecer a fluência, a visualidade, a plasticidade da linguagem com que se tece essa obra? Como não reconhecer uma grande inteligência de quem acionou tanta beleza a serviço de mais, prementemente mais, justiça social entre os homens do seu e de nosso tempo? É por essas margens que escoa a qualidade da obra de Inglês de Sousa, a sua permanência. Para reconhecer ter existido esse grande escritor cuja produção precisa ser divulgada e estudada vale a pena estas palavras. Porque vale, sim, muito, a pena essa aventura ao campos desse prazer. E muito mais quando esse prazer ajuda a ressuscitar a literatura de um escritor tão injustamente esquecido.

